

O percurso tem início na margem direita do rio, junto à ponte de Santa Clara, na estrada nacional. **(0 m)** Siga o caminho para jusante e encontra a poucas dezenas de metros a ETAR (Estação de Tratamento de Águas Residuais). Aí pode ainda encontrar restos de uma antiga ponte **(12)**. Poderá ouvir as galinhas de água que vivem entre a vegetação densa das margens. **(100)** Siga sempre em frente. À sua direita tem a linha de caminhos de ferro, na encosta coberta por vegetação mediterrânica (azinheira, medronheiro, esteva, urze, tojo, rosmaninho,...). À sua esquerda tem o rio, ladeado pela vegetação ribeirinha. Esta apresenta infestantes exóticas como a acácia **(13)** e a mimosa, misturadas com plantas autóctones como o freixo, o amieiro e o salgueiro. **(500)** Mais adiante deparamos com uma várzea **(14)**. (Várzeas são terrenos junto às margens dos rios, muito valiosos por serem férteis para cultivo ou pastagens). Siga sempre junto à margem direita do rio. Encontra alguns locais onde a vegetação ribeirinha é mais escassa e permite uma aproximação do rio. Procure algumas plantas usadas em culinária e medicina tradicional: agrião, monstro, erva cidreira e poejo **(15)**. Sinta os aromas muito agradáveis dessas plantas. É natural que encontre, também, sobre uma pedra saliente no leito ou na margem do rio, excrementos de lontra. São fáceis de reconhecer porque são constituídos quase exclusivamente por restos de lagostim ou escamas e espinhas de peixe. As lontras são aqui muito abundantes. **(1200)** Vai entretanto chegar a uma ponte ferroviária **(16)**. Passe por baixo dela e siga sempre junto ao rio. O caminho pode ser dificultado pelas culturas agrícolas na várzea, nomeadamente o milho alto pode tornar desagradável este troço do percurso. Ouvem-se mergulhos no rio: são provavelmente os cágados que se assustaram com o ruído dos passos. É



foto 12



foto 13



foto 14



foto 15



foto 16

provável ainda que aviste algum guarda-rios neste troço do percurso, com o seu azul brilhante, a passar em alta velocidade sobre o rio. **(2200)** Quando a várzea acaba, o rio faz uma curva à direita. Procure uma estrada de terra, junto aos eucaliptos à sua direita **(17)**. Siga sempre por essa estrada, tendo o eucalipto à sua direita e o vale com o rio à sua esquerda. Vá olhando as encostas à sua esquerda, do outro lado do rio, porque um monte alentejano antigo vai servir de referência: quando o vir siga com atenção até encontrar um trilho à esquerda **(18)** que desce em direcção ao rio. **(3000)** Procure uma ponte **(19)** pedonal de madeira para o atravessar. Esta ponte está muito escondida pela vegetação. Quando o caudal do rio está baixo é fácil atravessar o rio sem utilizar a ponte. Temos agora de seguir o rio pela sua margem esquerda. Não há um caminho definido. Consoante a estação do ano e a actividade agrícola, deve procurar-se a forma mais fácil de seguir o percurso: ou junto à margem, ou mais afastado, numa zona mais alta e mais seca. Durante este troço do percurso é provável que encontre três tipos de garças: boieira ou carraceira, real e garça branca pequena. Podemos ainda aproveitar para comparar o aspecto da vegetação autóctone **(20)** (à esquerda, nas encostas) com a monocultura de uma exótica, o eucalipto **(21)** (encostas à direita, do outro lado do rio). **(3500)** Depois de algumas centenas de metros o leito do rio junta-se à encosta e a única forma de prosseguir é por um trilho entre as árvores altas que ladeiam a margem esquerda do rio: amieiros e eucaliptos. No final deste trilho encontra uma ponte rodoviária **(22)**. **(3600)** Tome o caminho à esquerda que o conduz directamente à aldeia de Sabóia. **(4500 m)** Aí poderá descansar, conhecer a aldeia. Consulte a informação adicional sobre Sabóia. Para regressar à sua viatura poderá alugar um taxi.



foto 17



foto 18



foto 19



foto 20



foto 21



foto 22

À descoberta do rio Mira



Numa das áreas mais preservadas do país, o sudoeste alentejano, e mais especificamente no interior do Concelho de Odemira, ficam duas pequenas aldeias típicas: Sabóia e Santa Clara. Aí predomina a actividade agrícola e as populações têm um ritmo de vida que lhes permite acolher os visitantes com uma disponibilidade e atenção muito próprios. A flora e a fauna são únicas. Para as descobrir é necessário caminhar com os sentidos apurados por trilhos que ligam a Barragem de Santa Clara à aldeia com o mesmo nome e, seguindo sempre o Rio Mira, chegar a Sabóia. Quando o nível da água do Rio está elevada, o que acontece frequentemente no Inverno, há um ponto do percurso, no troço Santa Clara- Barragem, onde se torna difícil atravessar o rio, pelo menos a pé enxuto. Com galochas ou descalço esta travessia faz-se bem, a não ser que o caudal do rio seja mesmo invulgarmente grande. Neste caso opte por fazer apenas a metade do percurso que liga Santa Clara a Sabóia.

Informações gerais sobre o percurso

- **Localização** - Ver mapas no folheto Informação Adicional.
- **Grau de dificuldade** - Médio.
- **Tipo** - Pequena rota, percurso pedestre.
- **Distância a percorrer:**
 - 1ª parte 3,5 Km
 - 2ª parte 4,5 Km
- **Desníveis** - Suaves

Alguns conselhos práticos:

- Utilize roupa prática e calçado adequado a piso de terra e pedras.
- É aconselhável levar binóculos, máquina fotográfica, chapéu ou impermeável (consoante as condições climáticas), comida e água.
- Não deite lixo para o chão, guarde-o na mochila até encontrar um contentor.
- Não faça lume.
- Não colha nem pise as plantas e não perturbe os animais, com especial cuidado para as tocas e ninhos da fauna.
- Evite o ruído.

Descrição do percurso

Barragem- Santa Clara / 2 horas / 3,5 Km

O percurso inicia-se no paredão (muro) da Barragem de Santa Clara. Olhando para jusante aprecie o vale no qual corre o Rio Mira. Vai acompanhar o seu percurso.

(0 m) Descer o próprio muro (1) da barragem até encontrar o Rio Mira, na base do paredão.

(200) Comece então a percorrer a margem direita do rio (isto significa que



foto 1

o rio fica à sua esquerda) por um trilho que lhe permite ir apreciando a vegetação ribeirinha. Ela vai variar ao longo do percurso e merece a sua atenção. Trata-se de um conjunto de plantas adaptado a locais alagados e que é essencial para fixar o leito do rio, protegendo os solos em caso de cheias. Tente distinguir as acácias, as mimosas, o choupo, o freixo, os juncos, as atabúas e os caniços. (600) O caminho sobe agora, afastando-se do rio. No topo da subida, ignore um caminho à direita e comece a descer de novo em direcção ao rio. Se encontrar cancelas fechadas não se esqueça de as deixar como estavam. (750) Quando encontra o rio, tem de o atravessar para a margem esquerda. Esta passagem não deve oferecer dificuldades, já que o leito do rio é normalmente estreito. Os agriões, os nenúfares (2) e as atabúas proliferam neste local. É um bom momento para descansar e apreciar os pequenos animais que vivem escondidos nas pedras e vegetação do rio. (800) Siga sempre em frente, pelo trilho coberto de cascalho que era o antigo leito do rio. Poderá aí encontrar uma erva aromática usada em culinária e muito abundante nas zonas húmidas do Alentejo: o poejo. (850) Adiante encontra um caminho de terra batida. Siga pela direita. Pode apreciar à esquerda campos de cereal, à direita a vegetação ribeirinha. (1200) Este caminho cruza o próprio rio: mais uma vez tem de o atravessar. Existem umas pedras grandes (3) que permitem a passagem a pé enxuto quando o caudal do rio não é muito grande. (1250) Segue-se novamente pelo cascalho do antigo leito do rio (caminho mais à esquerda), que vai tomando a forma de uma estrada de terra batida. À sua esquerda, uma galeria de choupos, à sua direita, um olival. Repare numa nora (4) (engenho antigo para tirar água do poço) que vai encontrar à sua esquerda depois de uma ligeira subida. Há figueiras e outras árvores de fruto. (1500) Encontra um Monte (chama-se



foto 2



foto 3



foto 4



foto 5



foto 6

"monte" à casa típica alentejana que se situa no meio do campo). No seguimento do caminho pode apreciar campos cultivados e olivais. Ao fundo repare nas encostas descaracterizadas pelo cultivo do eucalipto. (1500) Depara com uma ligeira descida que o levaria a uma ponte sobre o rio. Não siga por aí: antes dessa descida deve virar à direita (5) num trilho mal marcado no meio do campo de cereal. Este troço do percurso não está bem marcado no terreno. Caminhe por onde lhe parecer mais fácil, entre o olival à sua esquerda, e o campo cultivado à sua direita. Caminhe (6) em direcção ao ponto onde o vale é mais estreito e o rio se aproxime da encosta. Terá de atravessar uma ravina (7) (local onde as águas de escorrência estão a provocar erosão dos solos, escavando até à rocha). (2000) Agora tem de caminhar pelo meio da vegetação; continua a não haver caminho. (2100) Quando avistar o rio (8) procure um trilho estreito que segue pela base da encosta. Este trilho, que acompanha o rio pela sua margem direita até Santa Clara, é estreito e só permite a passagem em fila indiana. Ele é, por vezes, muito próximo do rio, outras vezes sobe até meia encosta permitindo uma vista muito bonita sobre ele. (2500) Já muito perto de Santa Clara, passa uma pequena ponte de madeira (9) sobre uma linha de água após a qual tem uma pequena horta à sua esquerda. Siga com atenção porque à sua esquerda vai surgir uma pequena casa (monte) em frente da qual deve procurar a Ponte Romana (10). (2500) Depois da visita à ponte, continue na direcção que trazia para rapidamente encontrar um caminho de terra batida. (2600) Siga em frente, não à esquerda. Encontra estrada de alcatrão. Continue a seguir em frente até à aldeia. É o momento de descansar e visitar Santa Clara (11). (3200 m) Consulte a informação adicional sobre Santa Clara.



foto 7



foto 8



foto 9

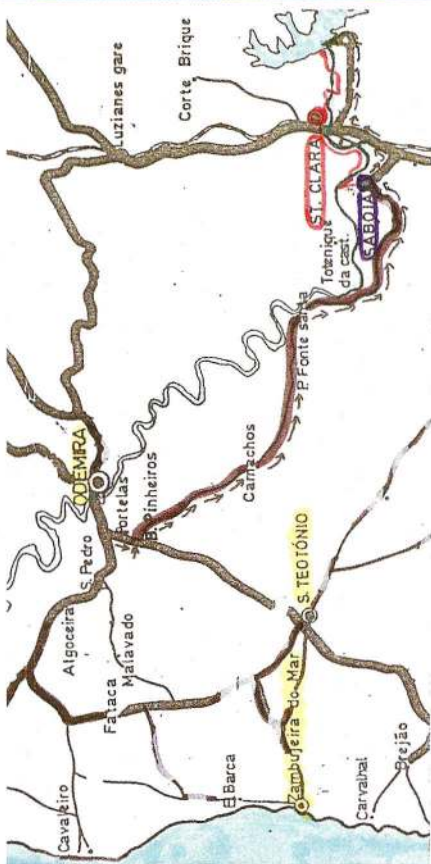


foto 10



foto 11

Localização Geral



Aúria

Grupo "Os Predadores"

Curso de Turismo Ambiental e Rural
da Escola Profissional de Odemira

Carla Conceição
Claudia Dias
Dina Reis
Marisa Duarte
Miguel Gato
Paulo Casimiro
Rita Domingos
Rosa Silva
Susana Silva